2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 4. QUINTA FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXII.

E' notavel o esquecimento ou menospreço de um producto industrial nas resenhas analyticas dos talentosos escriptores que successivamente tem procurado dar idéa geral da Exposição em Londres, muito mais sendo esse producto o vehiculo das suas observações, como tem sido de todas as lucubrações e trabalhos do intendimento em longa serie de seculos.

O papel é o auxiliar da imprensa, um dos conductores principaes do pensamento humano, um dos agentes mais activos da civilisação; é esta a sua destinação nobre e de immenso alcance, e que cumpre contemplar sem ter em menos conta os innumeraveis serviços que o papel presta a outras industrias.

M. F. Morel, dando o devido pezo a estas considerações, repara a ommissão dos seus predecessores. — A França (diz elle) consome tão consideravel quantidade de papel, que apenas lhe basta a que produzem as suas numerosas fabricas. Todavia os expositores deste ramo em Londres são menos numerosos do que era de esperar; citam-se entre os principaes, os celebres Montgolfier, as fabricas de Annonay e de Gueurres, as sociedades anonymas do Marais (Sena e Marne) e de Joucle (Vosges) etc. O papel ordinario é de boa qualidade relativamente, e manifesta, quanto ao preço, a realisação de um grande progresso. Os Montgolfier mandaram excellentes papeis de meia côr para desenhar, papeis para vinhetas brancos e de côr, e uma especie muito notavel denominada *pergaminho animal*. Este pergaminho é tão macio e flexivel que todos o tomaram por papel vulgar. Algumas amostras desta pellicula artificial são preparadas com um certo verniz graxo, que o torna mui proprio para os cartuxos de artilheria.

Figuram na Exposição com todas as fórmas, e por todos os preços, papel de impressão, de cartas, de embrulho, de desenho, cartão, papel de armação de salas tanto rico e elegante, como ordinario e trivial. Os preços modicos apparecem sobretudo no papel de impressão e no de escripta; e são muito para louvar por isso os fabricantes, porque comprehenderam que eram esses os objectos de primeira necessidade, da necessidade mais indispensavel em todas as condições, e nas diversas graduações de recursos das escalas sociaes.

A fabrica de Dellingen, da Prussia, teve a feliz idéa de expor amostras do papel fabricado desde 1760 até 1850; facilitando assim abranger-se n'um lance d'olhos os aperfeiçoamentos realisados successivamente no periodo de 90 annos. — MM. Ebast, de Berlin, exposeram alguns formosos exemplares estampados e admiravelmente envernizados de papel para cartas, e alguns ensaios do papel destinado ás notas do Banco prussiano.

A Inglaterra dedicou pequenissimo espaço a este ramo importante de suas manufacturas. Fabricam-se annualmente na Grã-Bretanha 130 milhões de libras de pezo de papel, cujo valor passa de trinta milhões de cruzados, e produz no orçamento um rendimento de perto de tres milhões e meio: nove decimos desta quantidade são consumidos no paiz.

Posto que em pequeno numero, os expositores de papel inglez, appresentaram-se todos com excentricidades. M. Johnson, o celebre fabricante de papel de escrever em Saint Mary-Cray, e M. Spicer exposeram um rolo de papel de 2,500 jardas de comprimento, e uma folha de papel fusco de 13¼ palmos de largura com 630 palmos de comprimento; cartões e bilhetes de uma fórma bem inventada e nova; papel de cartas singularmente bello e rico.

Outro mandou uma folha de papel continuo de 1.380 braças de comprimento. Este papel é empregado nas fabricas de louça vidrada como vehiculo destinado a receber as impressões das chapas gravadas, que devem ser transportadas pelos burnido-

res á faiança não envernizada. E' mui consistente e forte; tanto que um jornal inglez conta que o proprietario de uma fabrica de louça, com esse papel torcido á maneira de corda, reparou rapida e efficazmente os tirantes partidos de uma carroagem. Uma folha deste papel da largura de dois palmos resiste facilmente a um pezo de 220 arrateis.

Cita-se igualmente o celebre papel azul de Dewney, empregado pelos fabricantes de gomma para capa de sua fazenda, e que deve supportar a prova de uma forte cocção sem perder a côr; — da mesma fabrica ha os cartões envernisados que servem na acção de lustrar os pannos com o cylindro; e os papeis fuscos em que se embrulham os objectos mais delicados de aço polido sem risco de ferrugem.

Em summa, mencionaremos a Suissa que enviou á Exposição papel pautado para musica digno de ser louvado, e excellente papel para gravura; — Roma, (que se distinguiu pelo seu bello papel para desenho) — e a Toscana, pelo seu bom papel denominado mechanico. A Belgica sustentou a sua antiga reputação; e não ha que dizer ao papel que trouxe de toda a qualidade. A Hollanda conserva-se na sua cathegoria. A Russia, posto que atrazada em relação ás outras nações industriaes da Europa, dá mostras de caminhar para o aperfeiçoamento; até para a India tem mandado amostras do seu fabrico neste genero; o seu papel distingue-se principalmente pela delgadeza e pouco pezo.

Até aqui M. Morel. Em todas estas narrações de jornalistas e de seus correspondentes temos espreitado se vem cousa, boa ou má, em honra nossa ou como advertencia para emenda, relativa á exposição portugueza. Não deixamos de mencionar as poucas phrases, que nos tem dedicado, e que chegaram ao nosso conhecimento. E' verdade que vimos dois artigos no *Morning Chronicle* de 10 e 14 de julho ultimo, em que se trata da exposição portugueza; mas o começo é emphatico e em parte inexacto, e inexactas são tambem parte das asserções por elles espalhadas, salvo os encomios devidos ao nosso clima, situação geographica e fertilidade de territorio, que ninguem póde roubar-nos ou escurecer. Devemos crer que esses enganos procederam ou de precipitação escrevendo sem prudente averiguação, ou de informações superficiaes e menos verdadeiras. Ahi se diz, por exemplo, que os cinco grandes rios navegaveis, Tejo, Douro, Minho, Mondego e Guadiana, *dispensam Portugal de estabelecer grandes estradas e caminhos de ferro; não podendo desejar o paiz vias de transporte mais economicas e seguras do que essas grandes arterias de continuo vivificadas pelas torrentes e neves das serras hespanholas.* Além do absurdo desta asserção, sabem todos que os nossos principaes rios, e muito menos os tres ultimos citados, não são navegaveis em tamanha escala como o artigo suppoem.

Elogiando-se no mesmo, e com rasão, o assucar refinado dos Srs. Pinto Bastos, diz-se que: — « A cana de assucar é cultivada em Portugal como nas provincias meridionaes de Hespanha, e da-se muito bem. » — Ocioso é refutar aqui em Lisboa similhante proposição.

Todavia, como os indicados artigos dão idéa, posto que succinta, da nossa exposição, e contem louvores imparciaes a muitos dos nossos productos; e porque a inexactidão daquellas e de outras proposições dão logo na vista do leitor portuguez sem carecer de commentario; inseriremos no proximo n.º a versão dos mesmos artigos.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

1 LIMONITE. — *Oxydo de ferro hydratado.* — Expositor, Carlos Bonnet, residente em Lisboa.

Este mineral acha-se em muita abundancia na provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho de Aljustrel, freguezia dita, sitio denominado dos Algares. Neste logar encontram-se abundantes vestigios de ter sido antigamente explorado, sem que seja conhecida a épocha da sua exploração.

2 LIMONITE. — *Oxydo de ferro hydratado.* — Expositor, Carlos Bonnet.

Este mineral acha-se na provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de S. Thiago do Cacem, freguezia dita, no sitio denominado — Oiteiro das sete tijellas.

3 LIMONITE. — (*Pysoolithico*) *Oxydo de ferro hydratado.* — Expositor, Carlos Bonnet.

Este mineral acha-se com bastante abundancia na provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de Grandola no sitio dos Algares, serra da Caveira, logar denominado das Minas de Grandola. Acham-se grandes vestigios de exploração que teve logar em differentes épochas, entre as quaes a ultima foi em 1620.

4 FERRO MAGNETICO OXYDADO. — *Ferro oxydado octaedrico.* — Expositor, Carlos Bonnet.

Este mineral encontra-se na provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Borba, junto ao logar denominado — Oiteiro da mina.

5 *Calcareo carbonatado ferrifero.* — Expositor, Carlos Bonnet.

Este mineral existe na provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho de Moira, freguezia de Santo Amador, no sitio denominado da Crujeira. — Foi achado nos trabalhos antigos de exploração, e algumas vezes vem acompanhado de um pouco de oxydo carbonato de cobre.

6 LIMONITE. — *Oxydo de ferro hydratado.*

7 LIMONITE. — *Oxydo de ferro hydratado.*

8 OCRE AMARELLO.

Estes tres mineraes encontram-se em muitas partes na provincia do Minho, districto de Vianna.

9 MINERAL DE COBRE ETC. ETC. (Não foi ainda analysado.) Expositor e proprietario da mina, José Ferreira Pinto Bastos.

Este mineral encontra-se na provincia da Beira, districto de Aveiro, no sitio denominado — Mina de Palhal.

Esta mina está em principio de exploração.

10 PYRITO DE COBRE. — *Sulfureto de ferro e de cobre.* — Expositor e proprietario José Ferreira Pinto Bastos.

Este mineral encontra-se no Alemtéjo, districto de Béja, concelho d'Ajustrel, freguezia dita, no sitio de S. João do Deserto. Nesta mina já se tinham feito bastantes trabalhos; que continuam; — a porção de mineral já extrahido ainda não foi lançado no commercio.

11 COBRE PYRITOSO, COM COBRE NATIVO. — Expositor Carlos Bonnet.

Encontra-se nas provincias do Alemtéjo, districto de Béja, concelho d'Alvito, freguezia de Villa Nova da Baronia, no sitio denominado das Ferrarias: foi encontrado nos vestigios de uma exploração antiga.

12 GALENA. — *Chumbo sulfurado.*

Encontra-se em differentes partes na provincia do Minho, districto de Vianna.

13 GALENA. — *Chumbo sulfurado.* — Expositor e concessionario da mina Antonio José Duarte Nazareth.

Encontra-se na provincia da Beira, districto de Coimbra, concelho d'Arganil, freguezia dicta, na serra d'Aveneira.

14 STIBINE. — *Antimonio sulfurado.* — Expositora e proprietaria a Companhia Perseverança, no Porto.

Acha-se em abundancia nas provincias do Minho, districto do Porto, concelho de Vallongo, freguezia dicta, junto á povoação. — Esta mina foi ha poucos annos explorada, e parte dos seus productos foram mandados para Inglaterra; porém agora estão suspensos os trabalhos.

15 GALENA ANTIMONIAL. — *Sulfureto de chumbo e de antimonio.*

Acha-se na provincia do Minho, districto de Vianna.

16 CASSITERITE. — *Estanho oxidado.* — Expositora e proprietaria a Companhia Perseverança, no Porto.

Encontra-se na provincia do Minho, districto do Porto, freguezia de Rebordoza. — Este mineral encontra-se disseminado nas antigas alluviões, e nas rochas de pegmatite decomposta. Foi explorado ha poucos annos e extrahiram-se de 25 a 30 quintaes; — por agora estão suspensos os trabalhos.

17 ANTRACITE. — Expositora e concessionaria temporaria a Companhia das minas de carvão de pedra do Porto, cuja residencia é em Lisboa.

Esta mina está situada na provincia do Minho, districto do Porto, concelho de Gondomar, freguezia de S. Pedro da Cova. Pertence ao estado, e acha-se em exploração desde muitos annos. De tempo a tempo é posta em arrematação. O producto mineral é abundante, e emprega-se nos usos domesticos, principalmente no Porto e Lisboa.

18 LIGNITE. — Expositor, José Joaquim Roque Delgado.

Acha-se em quantidade na provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho da Lourinhã, freguezia dita. — Este combustivel encontra-se em camadas nos serros junto ao Oceano. Existe tambem em muitas outras partes do mesmo concelho, e dos concelhos visinhos.

19 CARVÃO DE PEDRA. — Expositor e proprietario, Raymundo Verissimo de Sousa Lacerda.

Acha-se na provincia da Estremadura, districto de Santarem, freguezia de Valverde.

20 LIGNITE. — Expositor, Goulard.

Acha-se na provincia da Estremadura, districto de Leiria, concelho dito, freguezia de S. Pedro de Muel.

21 GRAPHITE. —

Acha-se na provincia do Minho, districto de Vianna.

22 GRAPHITE PLOMBAGINE. — Expositor, Carlos Bonnet.

Acha-se na provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Marvão, freguezia de S. Salvador, sitio denominado dos Almagreiros. Existe em grande quantidade, mas até hoje não se fizeram applicações.

23 ASPHALTO. — Expositor e concessionario, Marquez de Subserra.

Encontra-se em quantidade na provincia da Estremadura, districto de Leiria, concelho de Alcobaça, freguezia dita. — Esta mina está em exploração, e seus productos são empregados.

24 AREA BITUMINOSA. —

Faz parte da precedente mina, e é empregada conjuntamente com o Asphalto.

25 ASPHALTO. — Expositor, Goulard.

Acha-se na provincia da Estremadura, districto de Leiria, concelho dito, freguezia de S. Pedro de Muel.

Fórma uma camada de 60 palmos de espessura, e está situada mesmo á borda do Oceano. Esta mina está em principio de exploração.

26 ASPHALTO — *em obra, da referida mina.* — Expositor, Goulard.

27 CARVÃO MINERAL. — Expositor, Goulard.

Acha-se na provincia de Santarem, freguezia de Valverde.

28 ACIDO HIDROCHLORICO — *Acido muriatico.* — Expositores e fabricantes, Ignacio M. Hirsch e Irmãos residentes em Lisboa.

Esta fabrica existe na provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho d'Alhandra, sitio da Verdelha. — Este producto fabrica-se em grande escala para uso das artes, sendo obtido pela reacção do sal, e acido sulfurico. Ambos os materiaes são de producção nacional.

29 ACIDO SULFURICO — *Oleo de vitriolo.* — Expositores e fabricantes, Ignacio M. Hirsch e Irmãos.

Fabrica, vide n.º 28.

Este acido é obtido nas camaras de chumbo pela combustão do enxofre com o nitrato de soda; as materias primas são de producção estrangeira, porém em certas occasiões algum enxofre é importado das possessões portuguezas. É a unica fabrica deste producto que existe em Portugal.

30 ACIDO NITRICO — *Agua fórte.* — Expositores e fabricantes, Ignacio M. Hirsch e Irmãos.

Fabrica, vide n.º 28. Obtido com o nitrato de soda, e acido sulphurico.

31 CARBONATO DE POTASSA — *Sal de tartaro.* — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.

Laboratorio chimico, analitico e consultivo, estabelecido em Lisboa, no Carmo. Obtido pela combustão do sarro de vinho. — Materia prima portugueza e muito abundante.

32 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de tartaro.* — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.

Fabrica, vide n.º 31. Obtido do tartaro crú, ou sarro de vinho.

33 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de tartaro,*

puro 1.ª qualidade. — Expositor, Agostinho Joaquim Ferreira.

A fabrica é situada junto a Lisboa, no sitio de Porto Brandão, e especial deste producto manipulado em grande escala.

34 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de Tartaro, ordinario*, 2.ª classe. — Expositor e fabricante Agostinho Joaquim Ferreira.

Fabrica, vide n.º 33.

35 TARTARO-VERMELHO — *Sarro de vinho tinto.* — Expositor Agostinho Joaquim Ferreira.

36 TARTARO-BRANCO — *Sarro de vinho branco.* — Expositor Agostinho Joaquim Ferreira.

37 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de Tartaro, ordinario*, 2.ª qualidade. — Expositores e fabricantes Serzedello & Comp.ª

Laboratorio de productos chimicos situado junto a Lisboa, no sitio da Margueira, deposito em Lisboa, no largo do Corpo Sancto.

38 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de Tartaro, puro*, 1.ª qualidade. — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª

Fabrica, vide n.º 37.

39 CREMOR DE TARTARO EM PÓ — *Cremor de Tartaro.* — Expositores e fabricantes Garland Laydley & Comp.ª

A fabrica de chimica está situada na Figueira.

40 CREMOR DE TARTARO PARDO, 2.ª qualidade. — Expositores e fabricantes Garland Laydley & Comp.ª

Fabrica, vide n.º 39.

41 CREMOR DE TARTARO PARDO — 1.ª qualidade. — Expositores e fabricantes, Garland Laidley & Comp.ª

Fabrica, vide n.º 39.

42 NITRATO DE POTASSA — *Salitre refinado.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª

Fabrica, vide n.º 37.

43 SAL MARINHO REFINADO. — Expositor e productor Barão de Samora Corrêa.

Producto extrahido das aguas salgadas do Tejo, no sitio chamado Marinha Nova, perto de Lisboa.

44 SAL MARINHO REFINADO EM PEDRAS. — Expositor e productor Barão de Samora Corrêa.

Fabrica, vide n.º 43.

45 SAL MARINHO EM PEDRAS. — Das marinhas de Setubal.

46 SAL MARINHO EM CRISTAES. — Das marinhas de Setubal.

47 SAL COMMUM. — Das marinhas de Setubal.

As marinhas chamadas de Setubal são immensas e bem conhecidas.

48 SAL MARINHO EM CRISTAES. — Expositor e productor Barão de Samora Corrêa.

Fabrica, vide n.º 43.

49 SAL COMMUM EM PEDRAS. — Este sal é tirado de nascentes de aguas salgadas, que existem na provincia da Estremadura, districto de Santarem, concelho de Rio Maior. É conhecido no paiz como o melhor, sob a denominação de sal de Rio Maior.

50 SULFATO DE SODA — *Sal de Glauber.* — Expositores e fabricantes Serzedello & C.ª

Fabrica, vide n.º 37.

Preparado directamente com o acido sulfurico e carbonato de soda, ambos materiaes nacionaes.

51 CARBONATO DE SODA — *Soda purificada.* — Expositores e fabricantes Serzedello & C.ª

Fabrica, vide n.º 37.

Extrahido de soda ordinaria do commercio, de producção nacional.

52 CARBONATO DE SODA — *Cristaes de soda.* — Expositores e fabricantes Ignacio M. Hirsch e Irmãos.

Fabrica, vide n.º 28.

Extrahido da soda artificial,

53 SODA ARTIFICIAL. — Expositores e fabricantes Ignacio M. Hirsch e Irmãos.

Fabrica, vide n.º 28.

Extrahida de materias primas nacionaes. É a unica fabrica d'este genero.

54 CAL EM PEDRA. — Expositor e productor Francisco Antonio Machado.

Provincia da Estremadura, districto de Santarem.

Ha muitas fabricas deste genero em Portugal. A materia prima é nacional.

55 CAL PARDA. — Provincia da Estremadura, districto de Santarem, Concelho de Abrantes.

56 CAL PARDA. — Provincia do Minho, districto de Vianna.

57 CAL PARDA. — Provincia do Minho, districto de Vianna.

59 CAL CARBONATADA SILICIOSA. — Expositor Carlos Bonnet.

Provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de Grandola, freguezia dita, sitio das Fontainhas.

Esta pedra calcarea fornece uma cal magra e ligeiramente hydraulica.

59 GESSO — *Cal sulfatada.* — Expositor Carlos Bonnet.

Provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de Cezimbra, freguezia dita.

Mina explorada, da qual se extrahe uma grande parte de gesso para os usos ordinarios das artes.

60 BARYTINA — *Barytes sulfatada.* — Expositor Carlos Bonnet.

Provincia do Alémtejo, districto de Béja, concelho do Cercal, freguezia dita, sitio denominado Serra da Mina.

Encontram-se vestigios de exploração.

61 NITRATO DE BARYTES. — Expositores e productores, Serzedello & C.ª

Fabrica, vide n.º 37.

Empregado nos fogos artificiaes.

(Continúa.)

MEIO DE PREVENIR AS INCRUSTAÇÕES NAS CALDEIRAS DE VAPOR.

Nos *Annaes dos caminhos de ferro* achamos o seguinte, usado por M. Babington.

«O auctor procurou na electricidade voltaica um meio de preservar das incrustações as caldeiras do vapor ou quaesquer outras, pondo-as em contacto com um metal mais oxydavel do que o das mesmas caldeiras, e collocando esse metal oxydavel no interior, immergido em agua a ferver, e em contacto metalico com a caldeira. Para este effeito solda no interior e com a solda macia ordinaria uma folha de zinco em posição vertical, e de modo que as suas faces estejam em contacto com a agua quando se en-

che com este liquido. A superficie do zinco relativamente á molhada do interior da caldeira deve estar na relação de 1 para 15, não contando senão uma só face de zinco.

Com o tempo o zinco se corroe; mas este effeito é lento; quando está muito minguado solda-se nova folha para substituir a gasta; e se a caldeira é de grande capacidade podem soldar-se duas, tres, ou maior numero em differentes pontos, tendo sempre cuidado que a superficie total de uma das faces dessas laminas esteja para a superficie molhada da caldeira na relação acima indicada.

Acha-se (diz o auctor) por este meio que a acção voltaica, que se desenvolve entre o zinco, o metal da caldeira e a agua, se oppoem á formação das incrustações que se juntam ordinariamente no interior das caldeiras, e são tão nocivas á sua conservação.

EMIGRAÇÃO—ESCRAVATURA BRANCA—MOSSAMEDES.

(Continuado de pag. 29.)

Diario de Pernambuco 8 de maio. — Consulado britannico em Pernambuco.

Faz-se publico que por ordem do correio geral da Grã-Bretanha em conformidade de um convenio entre o governo de S. M. B. e o Governo de Portugal, serão expedidas e recebidas as malas para Lisboa, deste consulado, pelos vapôres da carreira sem pagamento de porte algum aqui, restando ao agente do dito correio tomar conta ao pezo total das cartas e o numero das gazetas que vão, pondo-lhe o respectivo sello da data, não pago, e remettendo a nota do pezo, e numero ao agente britannico em Lisboa, e aqui se ha de cobrar pelo mesmo o respectivo porte á rasão 468 rs. por onça das cartas e 2 ditos por cada gazeta.

Na chegada dos vapôres do sul as malas devem logo estar promptas, e immediatamente se ha de affixar na porta do consulado a ultima hora do recebimento, e depois não se receberá mais cartas nem gazetas, por qualquer empenho que se pertenda fazer; isto conforme as ordens geraes, e para o bom andamento do despacho e serviço publico. Regula isto sómente para Lisboa, e quaesquer cartas ou gazetas achadas no sacco para qualquer outro porto ou logar ficam sujeitas a serem detidas e encaminhadas pelo agente depois de receber o respectivo porte aqui de 445 rs. por meia onça; mas serão incluidas como para Lisboa todas as cartas e gazetas que se acharem no sacco para o reino de Portugal, e assim encaminhadas para Lisboa em direitura, sem que possa haver reclamação alguma por erros ou lapsos seus a este respeito.

Recife 6 de Maio de 1851.

Ao Christophles, Vice-Consul. — Tendo de concluir, Sr. Redactor, cumpre-me fazer uma confissão, e é, que tenho-me dirigido á imprensa litteraria, para que se não pense que aqui anda espirito de partido, que se lhe attribuiria pelo jornal a que me dirigisse, tanto os que lessem lá, como aqui; eu mesmo não olho como politica aquillo que respeita tão de

perto, e em tamanho gráo, aos interesses geraes de todos os membros da Nação Portugueza. Da politica do Brazil eu nada sei mais, que respeitar todos os Brazileiros, e em quanto eu poder transitar sem ser incommodado, como sempre me tem succedido, nada me auctorisa a levantar a menor queixa. A sua imprensa é que faz bem vêr, que o mar não é de leite; e ainda nesta, eu vejo que exagerados é que produzem o mal, de ambos os lados; no entanto é forçoso reconhecer que a trovoada se vai formando. Em Portugal desejo que governe aquelle ou aquelles que melhor ou mais se chegarem para a lei, que sejam affastados sempre aquelles que sabem mais sofismal-a que executal-a; esta habilidade, tem por resultado, maiores prejuizos; e a desgraça para mim não tem encantos. Não devo esperar que anjos desçam da alta região em que os imaginamos, para vir governar sem alguns erros; mas erros involuntarios são menos prejudiciaes; que os estudados com todo o esmero. Igualmente me falta vaidade para escrever para o publico, mas a modestia não me priva de informar do que souber aquelles que tão corajosamente manejam a penna, e que constantemente vejo o empenhados, em arrancar Portugal á sua muita e tão antiga apathia. Eis a rasão porque lhe tenho dirigido as minhas informações, e pedidos; incitado pela leitura dos seus escriptos, e pelo que nelles encontrei em os n.os 18 e 37 do novo anno.

Já terá ahi chegado o projecto apresentado em a Assembléa do Rio de Janeiro para no dia 7 de Setembro de 1870 ficar extincta a escravatura em o Brazil. Eu procurarei vêr as reflexões que a imprensa faz a tal respeito, e em relação aos estrangeiros que aqui residem. Tendo enviado alguns escriptos á redacção da Revista Popular, espero vêr em o dia 2 de Junho, se sobre elles se diz alguma coisa, assim como pedia que depois, toda a mais imprensa se encarregasse de reproduzir o que aquelle jornald isser. O meu tempo é muito pouco, por isto, e pelas minhas fracas ou nenhumas habilitações, eu peço desculpa, para que relevem meus erros, e me considere sempre

Seu constante leitor.
A. B. COUTINHO.

IMITAÇÃO DO MARFIM E DO OSSO.

Mr. Chevreton é inventor de um processo novo para esta imitação, a qual se faz preparando o alabastro, o gesso, e outras variedades do sulphato de cal, pelo modo seguinte: —

Lavram-se ou esculpem-se os objectos, que se pertendem, em pedaços de alabastro ou de gresso cru, ou moldam-se em gesso cosido, e submettem-se por quarenta e oito horas a uma temperatura que se vae elevando gradualmente de 125 a 175 gráos centigrados. Esta operação expelle a agua e torna esses objectos opacos, alvos e quebradiços. Feito isto são expostos ao ar por tres ou quatro horas, e depois mergulham-se n'um banho de verniz duro ordinario, ou de azeite de oliveira, ou de outra materia gordurenta, ou de cera derretida, até que fiquem saturados.

Neste estado são immergidos por um instante em agua no calor de 30 a 50 gráos, repetindo esta immersão de quarto em quarto de hora até completa saturação. A final deixam-se na agua até adquirirem o gráo de dureza conveniente. O tempo requerido para isto depende do tamanho dos objectos; os de pequeno volume só exigem duas horas, os mais volumosos dez horas. Querendo-se os objectos de côres, mergulham-se em banhos corados em vez d'agua pura. Depois de serem tratados da maneira acima descripta podem ser polidos com cré, ou ao torno se a sua fórma o permittir.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo III.

UM RETRATO EM UM CONVENTO.

(Continuado do n.º antecedente.)

D. Catharina de Athaide, a noviça, era formosa tambem, porém de uma belleza mais severa. As feições muito regulares e delicadas tinham uma seriedade, que infundia respeito. No rosto, sempre pallido, pouco da alma se reflectia; a tranquillidade era a sua expressão ordinaria. A luz dos olhos, em que brilhava o fino e claro azul da saphira, parecia um tanto frouxa, temperada pela reflexiva quietação a que os costumára, para nunca revelarem os segredos mais intimos do coração. A estatura não era acima da usual, mas o seu ar de nobreza um pouco perpendicular a fazia suppor uma ou duas linhas mais alta. As mãos bonitas apesar de magras; e a côr da pelle tirante á alvura fria das louras, completavam a phisionomia da noviça, phisionomia séria, grave, pouco expansiva, e por isso mesmo indicando um caracter capaz de nutrir affectos profundos, e de morrer delles, sendo infeliz, sem se humilhar ao menor queixume. A opposição entre o genio sensivel e buliçoso de Cecilia, e a terna e concentrada amizade de Catharina era sem duvida a verdadeira causa da intimidade, que as unia.

D. Catharina de Athaide podia ter mais dois annos do que a sua amiga, mas a experiencia da reflexão é precoce quasi sempre em caracteres como o seu. Costumada a conter-se e a observar, nunca cedia ás sensações repentinas, desconfiando muito de si, e não pouco dos outros, tambem. A honrada pobreza da sua casa, cuja fidalguia fôra desattendida pela ingratidão real, servia-lhe de estimulo para redobrar o resguardo do seu tracto. Se vivesse em opulencia, a bondade do coração inclinal-a-hia á convivencia familiar das outras meninas; mas com a sua estreiteza de meios intendeu que devia ser cortez e agradavel, sem esquecer o sangue donde procedia, nem permittir aos outros que o esquecessem.

Com Cecilia dava-se a excepção unica, admittida por D. Catharina no seu invariavel systema. Á educanda soffria e perdoava tudo. Com a impetuosidade de genio, que lhe era natural, a filha de Filippe da Gama ria e chorava sem motivo, e quasi sem provocação; e momentos depois passando da altivez á humildade, e do desdem á compaixão, não sabia explicar a rasão destas variações. Como acontece ás vezes, enganar-se-hia com ella quem tomasse a sua exaggerada sensibilidade por indicio de fraqueza de vontade; debaixo das apparencias de leviandade encobria grande firmeza de animo. Um pouco dada á travessura e á malicia do epigramma, e viva como fogo, Cecilia era o idolo do convento, aonde todos a adoravam.

Julgando seu pae morto na India havia sete annos, amava a mãe com um extremo arrebatado, e tinha ao commendador uma affeição quasi filial; este pela sua parte idolatrava a «menina bonita» e não podia passar um mez sem a vêr. Com sua irmã Theresa, Cecilia parecia mais secca e reservada, o que procedia do ar de auctoridade com que a mais velha a aconselhava em muitos casos. No fim de tudo tinha um coração de oiro, ainda verde das illusões da mocidade, ainda virgem nos infinitos thesouros de abnegação e sensibilidade, que o enriqueciam. Aquelle, a quem uma vez ella chegasse a amar com verdadeira ternura, devia reputar-se um homem ditoso.

Depois do retrato, que acabamos de fazer — a um «sim» de labios aonde o amor sorria com tanta graça, a uma promessa de olhos tão eloquentes na paixão, só Deus podia pôr o preço, se é que ha na terra preço que os pague.

Capitulo IV.

SE O HABITO NÃO FAZ O MONGE, O VÉU NÃO FAZ A FREIRA.

Como dissemos, as duas amigas estavam assentadas na casa do lavor; Cecilia bordando uma escarpa com a sua actividade febril; Catharina matizando um panno de frontal com o costumado socego.

A educanda, com a barba entre os dedos, de vez em quando jogava um sorriso travesso á sua companheira, e, apesar da provocação directa, esta não levantava os olhos, mas sorria-se. Pareciam ambas cançadas de fallar tanto do que tinham longe do coração e tão pouco do que occultamente sentiam.

Por fim Cecilia impaciente deixou escorregar o bordado de cima dos joelhos, e atirou a agulha com enfado, inclinando-se depois para a sua amiga. Assim esteve esperando minutos que uma palavra lhe désse a nota do dialogo; porém esperou debalde: D. Catharina não disse nada. A pobre Cecilia, afrontada com o silencio, e exhalando um grande suspiro, resolveu-se a romper o tiroteio.

— « Aborrecido dia, Catharina! » exclamou ella com impeto. — Ai, menina, muito feliz és tu! »

— « E sou, bem vês » replicou a noviça com o mais duvidoso sorriso.

— « Olha, minha Consolação, continuou Cecilia, dando-lhe este nome como é costume entre amigas nos collegios — não sabes o que eu, se fosse má, devia dizer da tua resposta? »

— « E porque não dizes, minha Alegria? » observou Catharina com toda a tranquillidade.

— « Porque tenho medo desse teu ar. Depois, affligias-te se eu fallasse. . »

— « Não, minha joia; tu nunca me affliges. »

— « O callado é o melhor. »

— « Pois eu digo, já que tu não queres. Achas que vivo muito triste, para ser feliz? Enganas-te, meu amor; fui sempre seria. Que choro muito com saudades do mundo, para me desapegar sem pena delle? O coração, sim, chora, porque é de carne; mas o espirito está contente. Sem sacrificio não se serve a Deus, nem ha merecimento em o servir. Disse-te que era feliz, e sou; porque tenho tudo o que desejo »

— Não, Catharina; conheço-te, leio-te por dentro, vês? Basta de brinco! »

— « Tu sabes que sou pouco amiga de rir. Não brinco, fallo serio. »

— « Fallas serio? Ora dize, dissimulada, dasme noticia de certo retrato, que de relance vi uma vez? . . .

— « Que retrato? . . . Tens lembranças! »

E a bella noviça, vermelha e assustada, levava as mãos depressa ao seio, no gesto de sumir alguma coisa. Cecilia olhava para ella sorrindo, e este olhar malicioso mais augmentou a confusão da sua amiga.

— « Não te assustes, menina, disse a educanda rindo. Não é coisa do outro mundo. Fallava daquelle retrato, que disseste que se perdeu. Ora, se me não engano, achado está, e muito perto do teu coração. »

— « Percebo agora, acudiu Catharina gracejando constrangida. É verdade, trago um retrato, mas é o de meu pae. »

— « De teu pae, ah! Fazia-lhe tres idades. Sabes com quem se parece o teu retrato? »

— « Não. Alguma idéa tua! »

— « Com certo official, que por horas de sésta, todos os dias vejo parado na rua, defronte da tua janella, d'onde não tira os olhos. . . »

— « Pelo amor de Deus, Cecilia! »

— « Jesus, que medos! E por tão pouco ficas branca como uma defunta? Então, que tem, menina? Se vi um homem olhar da rua, por isso não morro mais cedo, creio eu. »

— « Mas é que são tudo supposições. Esse retrato. . . digo, esse moço não tem nada que se esconda. É. . . hade ser meu irmão. »

— « Ora vejam. Sendo dois irmãos nunca me fallaste senão de um! Estavas mal com este, não? »

Era tão penetrante a ironia de que Cecilia affectava a sua falsa inocencia, que duas lagrimas saltaram dos olhos da noviça, desenrolando-se vagarosas pelas faces. A azougada menina, cuja travessura as fazia correr, estava morta por desatar a rir; mas em presença daquella dôr viva e sincera, deitou-se-lhe nos braços abraçando-a e beijando-a com extremosa effusão.

— « Perdoa-me, Catharina! Foi malfeito. Tu não merecias. . . Mas tambem porque te encobres da tua amiga? . . Cuidas que ella não sabe guardar um segredo? »

— « Não, minha joia. Sei que tens juizo, mas não usas delle sempre. »

— « Obrigada! Estou então absolvida. És minha amiga? »

— « És; sou. — Mas não tornes. Affligiste-me, meu amor. »

E sorrindo com bondade, por entre as lagrimas mal enchutas, D. Catharina deu-lhe um beijo com infinita amizade.

— « Não ha remedio! — proseguio ella depois. Confessar-me-hei a este padre tão curioso; vejamos! O que hei de eu dizer, menina? »

— « Tudo. Quero saber tudo. » E o dedo de Cecilia, erguido para o ar, ameaçava a penitente.

— « Promettes segredo? »

— « Juro. E tu, a mim, promettes? »

— « Pois tão nova, já tem segredos o teu coração, Cecilia? »

— « Oh, se tem! E porque não? e talvez maiores do que julgas... A gente cresce agora depressa, Catharina. Olha, meu amor, sei muitas cousas; advinho muitas mais; e uma dellas é esta — tu amas! Farás a tua confissão pelo primeiro mandamento. »

— « Amo! » — murmurou a noviça, tremula de voz, quasi ao ouvido da sua amiga. » Amo sem esperança, sem mais esperança do que a de não chegar a ver o fim do meu engano, se é engano; da minha illusão, se me illudo. Bem vês o triste amor que é. »

— « E não juras em vão? Amas e crês como em ti? »

— « Firmemente! Mas de que serve? »

— « De tudo. Não professaste; és livre; darás a tua mão... »

— « Ai Cecilia, não! O habito é mortalha. Devo a meu pai este sacrificio pela sua ternura. Não ha logar, no mundo, onde eu caiba senão a cella do convento... Dos bens, que tivemos, só ha em nossa casa hoje a gloria de um nome que deve acabar como principiou, honrado e puro. Uma filha dos Athaides, querida, não entra em casa de ninguem mendiga... Não podendo ser esposa de nenhum homem, serei esposa de Christo... é como se faz na minha familia. »

— « Pois levando-lhe esse coração, e tanta belleza, não lhe levas um dote, que não tem preço? »

— « Achas bastante? Talvez elle dissesse o mesmo, o amor céga. E depois?.. Não, estou resolvida. Ficarei sepultada aqui. »

— « Mas porque o vês ainda, porque o não desenganas? »

D. Catharina olhou fito para Cecilia; e pegando-lhe na mão depois com força, disse naquelle tom affogado, que ás vezes é mais vehemente do que a mais alta voz:

— « Porque a paixão que lhe tenho póde mais do que o dever. No dia em que o perdesse estalava o coração no peito. Tenho medo de mim, tenho medo delle nesse dia, vês?! Deus te livre, pela sua graça, de um amor assim; é a alma, é a fé, é a salvação ou a morte de minha vida inteira. Não o desengano, porque ainda me desejo enganar a mim. Sou uma fraca mulher e a morte faz-me horror, sobre tudo a morte lenta e inconsolavel, que me espera. Quero esgotar de todo esta illusão suave. E como acordarei eu della meu Deus... Percebes? Entendes agora porque me callo, devendo fallar? Sabes porque não lhe digo que morro, que morri para o mundo e para elle? Porque em cada dia vivo só os poucos momentos que o vejo. »

Ella chorava dizendo isto, e Cecilia unia as suas lagrimas ao pranto amargoso, que a desesperação exprimia dos olhos da sua amiga. Cingindo-a com os braços e cubrindo-a de carinhos, a pobre menina exclamou com enthusiasmo ao mesmo tempo:

— « Minha amiga, minha irmã, hei de salvar-te, porque se eu lhe disser, elle tambem ha de... »

— « Elle! quem? — interrompeu Catharina com um gesto de terror — Cecilia será certa mais uma desgraça? Amas como eu? Dize! aonde o viste, quando, como? Querida menina, olha bem, põe a vista em mim?! »

Cecilia ouvia-a sorrindo com tristeza. Pouco a pouco os olhos accenderam-se, a vista fusilou; e bella como um anjo que se eleva das miserias humanas na mais radiosa innocencia, disse exaltada e convencida.

— « Olha Catharina, se foi bem se mal, não sei, o que sei é que o sinto sempre ao pé de mim e que está em tudo o que eu penso, e vejo. Ainda elle não chegou e já está fallando, já olha para mim e me chama: minha alma está cheia da sua imagem, o meu espirito vive com o delle, na ausencia. Dia e noite o coração repete-me com jubilo duas palavras, que são o seu nome, e o meu amor. Por este homem, Catharina, deixava-te sem receio, eu que te adoro... Minha mãi, que me estendesse os braços, querendo elle, via-me fugir até do ceu para o seguir... Meu amor, não chores, perdoa! Vês tu; se elle póde mais do que eu!... Não padeces tambem tu? não soffres ainda tanto: quando duas almas que se amam assim, chegam a unir-se, dize, dize, não apagam em minutos, em um sorriso, as lagrimas de muitos annos? »

— « Cala-te, cala-te! Essa vida promette-a a esperança, mas não a dá o mundo, não se vive senão no ceu. »

— « Tambem na terra. Crê e ama como eu. Abraça-te com a fé e verás... »

— « Oxalá! Mas, minha Cecilia, accrescentou Catharina com affectuosa tristeza, és tão nova ainda, tão sincera! Esse coração engana-se, confia muito demais.. Toma sentido! Não tens pai que te defenda. Meu amor, acautela-te; nunca tiveste irmão para te vingar. »

— « Bem sei, Catharina. Sou orphã, é verdade, mas o nome de meu pai é obrigação, e na falta d'outrem eu o defenderei até de mim. Não tenho irmão, mas tenho animo e vontade: e para não precisar de vingança basta que me respeite como devo. Eu mesma servirei de irmão e de pai ao meu amor e a mim; e Deus que lê na minha alma sabe se prometto com fé e se creio com fervor. . . »

E por um gesto sublime, Cecilia, reflectindo nos olhos a exquisita sensibilidade do coração, ajoelhou lentamente aos pés de Catharina, levantando a mão ao ceu, como quem pronuncia um voto irrevogavel.

A noviça olhou para ella sem severidade. Conhecia-a muito para duvidar da abnegação, que exprimiam as suas palavras. Sabia, que esta paixão embora fosse um mal, era já um mal irremediavel. Por experiencia sabia mais, que no primeiro amor, quando se crê e se adora assim, esse amor é a propria vida e só com ella expira. Foi, portanto, para sondar a chaga e sem esperar remedio, que D. Catharina perguntou com melancolia:

— « Dir-me-has como elle se chama? »

— « O nome que todos lhe dão não sei. De mim quer só aquelle nome tão doce, que diz só a bocca da irmã e da esposa. Chama-se João. »

— « É fidalgo? »

« Não sei; mas todos me parecem pequenos ao pé delle. »

— « É nobre? »

— « É, se eu o amo! »

— « É rico? »

— « Para mim. Não te disse que o amo? »

— « E se fosse pobre? »

— « Amava-o. »

— « Se fosse mechanico? »

— « Amava-o! . . .

— « Se te levasse longe dos teus e de mim? »

— « Amava-o!. . . com amor de filha, de irmã, e de amiga, com todo o amor que nos dá o ceu, e o coração encerra.

— « E enganando-te não o aborrecias? »

— « Não! »

— « E preferindo outra não o odiavas? »

— « Não! »

— « E se elle não podesse, ou não quizesse senão amar, acceitavas? »

— « Morria, ou acceitava! » Murmurou Cecilia sem hesitar.

— « Mesmo um amor sem nome, digamos tudo, mesmo um amor sem esposo? »

— « Sim! Tudo menos arrancar a alma do corpo, para arrancar a sua imagem. »

— « Então Cecilia, exclamou Catharina, soluçando, e com as mãos erguidas, então boa ou má eis a tua sorte. E' o primeiro e o ultimo dos teus amores; para ti acabou-se o riso e a alegria; fugiu a mocidade. Colheram-te, pobre coração! A tua alma, que eu conheço, está aos pés desse homem, vencida, escrava, para elle a perder ou a salvar! Cecilia, és mulher. Não; não procures as illusões da meninice, porque perdidas não tornam; cuidas que podem voar, livres, como dantes?. . se o teu senhor mandar, o coração até do ceu ha de cahir á sua voz, como a avesinha ferida cahe na terra para morrer. »

— « E que importa, se elle amar, se fôr feliz? »

— « Feliz! Deus o permitta. Possam amar-te, querido anjo, como tu deves ser amada, para viveres. . . Não é a hora do passeio? Vamos ao jardim; quero saber tudo. »

E dando o braço a Cecilia, a noviça desceu adiante de todas para tomar o sitio que desejava. Com effeito apenas o sino bateu a hora suspirada, as agulhas ficaram no ar sem dar mais um ponto, e os bastidores desertos não viram mais um fio; em toda a casa do trabalho se fez uma verdadeira mutação de theatro. Aquelle bando de pombinhas, doidejando e correndo em tropel, rindo, e fallando alto, foi a saltar os degraus das escadas precipitar-se na cerca, não esperando por ninguem, nem olhando para traz.

A regente depois de metter os oculos entre a folha do livro ascetico, que estava lendo, coxeando de sciatica chronica, e cançando da sua asthma incuravel, sahiu logo atraz para acompanhar o enxame, já dividido em ranchos, vagueando pelas areadas ruas do jardim; estas regando a roseira ou o alecrim predilecto, aquellas esmigalhando pão aos peixes do tanque, e as mais novas provocando os dois caxorrinhos da abbadessa, cuja beatifica digestão foram perturbar os latidos dos seus quadrupedes validos.

Entretanto debaixo de um carramanchão retirado, Cecilia e Catharina, as duas amigas, de mãos dadas e com o rosto chegado, conversavam com a maior viveza.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

CANTO DO NAUTA.

Que es mi barco mi tesoro,
Que es mi Dios la libertad,
Mi ley la fuerza y el viento,
Mi única patria la mar.

J. DE ESPRONCEDA.

Nasci nas ondas do Tejo,
Embalado docemente
Pelo mar.
Mais grandezas não invejo,
Do que poder livremente
Navegar.

Tenho aqui os meus amores:
Nasceram nas frescas aguas
A sorrir.
Não os troco pelas flores,
Que a terra, entre fundas maguas,
Faz florir.

Melhor patria, nem tão bella,
Do que o revolto Oceano
Deus não dá.
Aqui não sorri donzella;
Mas em troca vil tiranno
Cá não ha.

O mar, é symb'lo robusto
Da liberdade que o mundo
Deve á Cruz.
O nauta, mysterio augusto,
Que o poder de Deus profundo
Nos traduz.

Se á noite o nauta adormece
Deitado nas pranchas duras
Do baixel,
Vaidades do mundo esquece.
Tem estrellas, lindas, puras,
Por docel!

De manhã, se os ternos cantos
Não ouve das avesinhas
A trinar,
Diz comsigo: Tambem prantos
Não sabem nas faces minhas
Deslisar.

E não sabem. Se a tormenta
A rugir levanta irados
Escarcéus.
Do peito a prece rebenta,
E sem prantos maguados
Sóbe aos céus.

Ao nauta que importam flores,
Se vivem sempre captivas
Em jardim?
Que querem dizer amores
Que morrem, quaes sensitivas,
Dando o sim!

Se irada ruge a procella,
Apraz-me vel-a raivosa
Rebramir;
Porque é então que revela
Na vaga que espuma irosa
Seu carpir.

Que patria que é esta minha!
Aqui tudo é liberdade,
Não ha lei;
Nem o orgulho definha,
Calcado pela vaidade
D'um máu rei!

Se em furia sibilla o vento,
Pelos erguidos e rôtos
Mastareus;
Nem um ai, nem um lamento,
O nauta em sentidos votos
Manda aos céus!

Não manda. Lá tem a esp'rança
Que lhe diz que da procella
Nasce a paz;
Como do mar em bonança
A vaga que se encapela
Nuvens traz.

Nasci nas ondas. Não tenho
Nem ciumes, nem inveja
De ninguem.
Boiando n'um fragil lenho,
O nauta mais não deseja
Do que tem.

É livre. Que mais precisa?
Nem o prendem amorosos
Vís grilhões.
Se manso o mar se deslisa,
Conta os astros luminosos
Aos milhões!

Poz nelles os seus amores;
Poz no mar a esp'rança sua
Mais em Deus.
Se não vê no bosque as flores,
Envia queixoso á lua
Os ais seus.

Nasci nas ondas do Tejo,
Embalado docemente
Pelo mar,
Mais grandezas não invejo,
Do que poder livremente
Navegar.

L. A. PALMEIRIM.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Illuminação no Passeio.— Este espectaculo que não deixou de ter certa novidade pela sua dispo-

sição, e pela escolha do local, satisfez, e mais do que geralmente se esperava, a grande maioria do publico lisbonense; que concorreu não tanto pelo natural incentivo da curiosidade como em virtude da applicação do producto. Não pequeno louvor e gloria cabem aos membros da commissão directora do Asylo da Mendicidade, e da que predispoz e dirigiu a illuminação, pelo extremado empenho e incansaveis diligencias para alcançar-se bom resultado e a contento geral. Foi um pensamento philantropico, levado á pratica por um modo agradavel para nós que nos iamos desacostumando de diversões e festas publicas, se não quizermos mencionar escandalos e indecencias de acanhados e grutescos arraiaes em honra (melhor diriamos em menoscabo) de algumas devotas imagens.

A funcção, se não igualou o que nos contam das festas parisienses, esteve luzida e apparatosa; o obelisco illuminado fez bom effeito, assim como toda a frontaria da cascata ao cabo da espaçosa rua central do Passeio; a profusão de balões de variegadas cores, suspensos em fiadas presas de arvore a arvore, as estatuas que sustentavam na cabeça cestos luminosos, em summa toda a ornamentação póde chamar-se brilhante, não porque resplandecia mas pelo bom gosto da collocação.

No Domingo a mais escolhida sociedade desta capital frequentou o Passeio publico illuminado; computou-se em quatro a cinco mil pessoas o numero dos visitantes; e affirmam-nos que o rendimento das entradas, dos baazares, das cadeiras etc., orçou por tres contos de réis. Na terça feira, a safra a beneficio do mesmo Asylo de Mendicidade tambem devia ser avultada (porquanto foi mais numerosa a concorrencia) se bem que o preço das entradas estava, segundo o programma, reduzido a metade, 240 réis. É de crer que hoje (ultima noite) não afrouxe, antes augmente, a affluencia de espectadores. — Esperamos no proximo numero da REVISTA, com dados mais exactos, offerecer mais amplas informações.

Naufragios nos mares da China. — A mala que sahiu de Hong-Kong no dia 24 de junho veio recheada de desastres maritimos. A baleeira franceza *Narval* naufragou nas costas da Corea. M. de Montigny, consul francez em Chang-Hai, sabendo desta fatalidade, partiu com o seu interprete e M. Macdonald em demanda da equipagem, porquanto havia bem fundados temores de sua má sorte. A pequena expedição visitou primeiro a ilha de Kelpoert, e percorreu depois o grupo das ilhas Amherst, onde o ruim tempo lhe não permittiu por espaço de muitos dias desembarcar, nem deitar ferro, nem fazer observações astronomicas.

Depois de perseverantes esforços, M. de Montigny conseguiu saber por alguns pescadores a paragem onde estava detida a tripulação da barca baleeira, e no 1.º de maio obteve o seu resgate, exactamente no momento em que esses desafortunados iam ser remettidos a Kin-Kitao, capital da Corea, para passarem por uma inquirição, e sabe Deus que tratamentos! M. Macdonald publicou no *North-China-Herald* uma curiosa narração desta viagem.

Deu logar a uma similhante missão a perda total do vapor de guerra inglez *Reynard*, o mesmo vapôr de maquina de helice que no anno passado levou á foz do Pei-ho uma carta autographa da rainha Victoria para o imperador da China.

Um brigue inglez, o *Velocipede*, tinha-se perdido em 17 de maio, com um rijo tufão, sobre o recife Prata, um dos mais perigosos do mar da China; e graças ao animoso capitão que se atreveu a partir para Hong-Kong na lancha com alguns homens, houve noticia de que a equipagem estava n'um ilheu deserto, exposta a todas as privações.

O governo de Hong-Kong fez sahir o brigue de guerra *Piloto* e o vapôr *Reynard* para o logar do naufragio. Diz-se que se tomaram todas as providencias de precaução contra perigos que effectivamente se conheciam, e ordenou-se a bordo de ambas as embarcações a mais stricta vigilancia; mas, apezar de todas as cautelas, o *Reynard* encalhou n'um banco de coral aos 31 de maio pelas quatro da manhã, estando o mar perfeitamente bonançoso, o capitão e o primeiro official sobre a cuberta, e muitos vigias na prôa e mastro da mezena. A acção combinada da maquina e do velame foi insufficiente para fazer recuar o navio fortemente entalado no coral, e como pelo meio do dia se tornasse marulhoso o mar, a tripulação teve de procurar refugio na mesma ilhota árida, onde os marinheiros do *Velocipede* extenuados de fome e sêde esperavam a hora do resgate.

Foi forçoso aos botes do *Pilot*, que felizmente se conservara mais ao largo, tomar um accrescimo consideravel de naufragos, e abandonar o casco do *Reynard* ao furor das vagas, sob pena de serem arrastados pelas correntes, mui violentas naquellas paragens. Os instrumentos nauticos foram os unicos objectos que houve tempo de salvar; tudo o mais tragaram as ondas sem exceptuar as roupas dos officiaes e da maruja.

Nestes naufragios ninguem pereceu. Não foi assim em o navio de Liverpool *Larpent*, dado á costa nas praias do sul da ilha Formosa, cuja equipagem os naturaes barbaramente assassinaram á excepção de tres homens recolhidos por uns chinas que referiram aquelle horroroso desastre.

Se não fosse coisa sabida o quanto são fortes e variaveis as correntes desde o estreito da Sunda até para lá do Japão e da Corea, difficilmente se comprehenderia como ha tantos sinistros em mares sulcados annualmente por milheiros de navios. Precisamente porque estão sempre expostos a esses riscos, deveriam os navegantes redobrar a vigilancia, e desconfiar de calculos de derrota baseados unicamente na barquinha e na agulha.

Museu de novo genero. — É uma collecção annexada agora ás maravilhas de Versalhes; e vem a ser, n'uma construcção especialmente erecta no Trianon para este destino, a exposição de todas as obras de arreios e de carroagens que se fabricavam em França desde uma épocha remota até os nossos dias, bem como as provenientes de diversas nações do Levante e de Africa.

Os grandes coches historicos que estavam desprezados nas cocheiras do palacio de Versalhes, e que o publico não podia vêr, serão expostos nestas galerias. São dez em numero; o coche da sagração de Carlos X, o do baptismo do rei de Roma, o Topazio, a Victoria, a Turqueza, a Brilhante, a Cor-

nalina, a Amethista, a Opala, e a berlinda funebre de Luiz XVIII.

Aqueductos de vidro. — Consta que por encommenda da auctoridade local se estão fundindo na fabrica de vidros da Corunha varios tubos desta materia, com o objecto de se applicarem á formação do encanamento por onde são providas as fontes publicas. Se o ensaio, como ha rasão de esperar, (diz o *Corunhez*) satisfazer os desejos de seus auctores, se terão conseguido grandes vantagens no aprovisionamento daquelle liquido: — em primeiro logar evitar-se-hão as filtrações e por consequencia a perda de agua: em segundo logar será muito facil tirar qualquer corpo estranho que interrompa a corrente, por quanto sendo cristallino o tubo, bastará descobril-o para conhecer donde existe o obstaculo; *tertió*, dar-se-ha menos vezes este inconveniente, porque o vidro não se presta ás adherencias como o barro e outros materiaes dos encanamentos.

Assassinio. — Carlota é uma desgraçada rapariga que fugira ha annos de casa de seus paes para se entregar á devassidão e á libertinagem.

No dia 31 do passado assassinou com duas facadas, junto ás Pedras da Patriarchal, um individuo que, parece, fôra prevenir o seu amasio de que não voltasse a sua casa para não ser victima de uma traição que lhe estava preparada.

A criminosa evadiu-se para longe de sua habitação, porém no dia seguinte estava em poder da justiça.

Novos caminhos de ferro. — Pelas cartas recentes de Alexandria consta que o vice-rei do Egypto assignou com o representante de M. Robert Stephenson um contracto para a construcção do caminho de ferro de Alexandria ao Cairo. A via ferrea terá uma extensão de 130 milhas, e atravessará o Nilo pela cabeça do Delta. As obras devem começar com toda a brevidade e continuarão sem interrupção, visto dar-se a casualidade de se poderem aproveitar os materiaes que Mehemet-Ali havia colligido para o caminho projectado atravez do deserto.

O conselho federal suisso redigiu um projecto de decreto para a execução de um cruzamento de caminhos de ferro que será formado pelos planos de R. Stephenson. Uma grande linha atravessaria toda a Suissa do lago de Constança a Genebra, passando por Zurich, o valle de Limmat, o valle do Aaar, Arau, Soleure, Yverdun, Morges e Genebra. A esta linha, arteria principal da Suissa, viriam prender-se um caminho para Bâle (Basilea) destinado a unir a Suissa aos caminhos de ferro francezes e alemães, um caminho para Berne, outro para Lucerna, outro que partindo do lago de Constança subisse o valle do Rheno até Coire no centro dos Grisões, e podesse de futuro ser prolongado atravez dos Alpes pelo Lukmanier até a Lombardia; finalmente duas linhas menos importantes, porém destinadas a ligar á principal arteria os dois centros de população de Thunn e de Schaffhouse, e por ultimo outra linha de Briasca a Locarno.

Desastre. — No dia 28 do passado desabou o andaime em que alguns operarios do Arsenal da Marinha andavam trabalhando no concerto da Náu *Vasco da Gama*. Parece que ficaram maltractadas algumas pessoas, entre ellas um carpinteiro de machado, por nome Antonio Perfirio d'Oliveira, que falleceu pouco depois de entrar no hospital. Este infeliz deixou na miseria mãe, e uma irmã, de quem era unico abrigo.

Esbroamento de montanha. — A *Gazeta de Schwitz* (cantão suisso) traz algumas particularidades deste phenomeno que ameaça Biberegg.

A montanha desaba n'uma extensão de mais de duas leguas. Na opinião do engenheiro Muller, e conforme o estado daquelles logares, não é um esbroamento subito, mas um aluimento progressivo e vagaroso o que se teme, e que accarretaria graves perigos, principalmente para o districto inferior de Steinen em razão do engrossamento do rio Aaar e da consequente alluvião.

O aluimento já é consideravel. Uma sebe entre duas pastagens sahiu mais de duzentos passos para diante: entre os movimentos parciaes de terreno ha um de 4:000 pés de comprimento por 2:000 de largura: centenares de troncos de pinheiros estalaram e rojaram para a falda do monte. Julga o engenheiro que seria o maior sinistro deste genero succedido na Suissa depois da catastrophe acontecida em Goldau.

O povo do districto emprega a maior actividade em auxiliar as obras intentadas para obstar aos estragos, e parece que as já feitas dão favoravel resultado.

A familia argelina. — O bello jardim de Vauxhall, ornamento e jactancia do bairro de Kesington; sobre a margem direita do Tamisa, contém ao presente uma familia de naturaes de Argel que assentou alli seu abarracamento. O cabeça de casal chama-se Yousouff Ben Ibrahim, e sua mulher Aïcha, duas raparigas de 14 e 16 annos (uma irmã da mulher e outra do varão) e um rapaz de 5 annos, por nome Mustaphá, completam o pessoal desta pequena tribu. Os trajos picturescos destas cinco pessoas, a physionomia singular e attractiva das que pertencem ao sexo feminino, sobre tudo da mais nova, o modo insinuante com que offerecem aos visitantes cigarrilhas e lenços d'algibeira, tudo junto justifica o empenho do publico em examinar a tenda argelina.

Duvida-se que similhante exhibição ou exposição tivesse voga em França ou mesmo em outro paiz, onde não viria á cabeça de ninguem a idéa de mostrar argelinos por dinheiro: mas o publico de Londres não é de ruim contento em assumpto de curiosidades, e o jardim de Vauxhall está sendo mais frequentado por aquelle motivo. Talvez que se uma familia parisiense se lembrasse de mostrar-se tambem por dinheiro tirasse igualmente proveito.

A familia argelina recebe em Vauxhall brilhante hospitalidade; e M. Wardel, director do estabelecimento, que bem conhece o publico da sua terra, não se enganou ajuntando este espectaculo a todos os divertimentos que offerece aos seus freguezes.